

Título Título a definir

**M. A. Amaral Rezende**

Junto com os escândalos recentes, pode acontecer outro. Talvez surpreenda a poucos. Chegou, entre nós, o catálogo gigante (460 páginas) da mostra "Artistas latino-americanos do Século XX", inaugurada, pela primeira vez, em agosto de 1992, em Sevilha e organizada pelo Museu de Arte Moderna de New York. Desde o dia 10 de novembro, está no Musée National d'Art Moderne / Centro Pompidou - Paris. Em seguida, segue para Colônia e, finalmente, aterrissa em Nova Iorque, também no MOMA. A mostra, que consumiu dois anos de trabalho de organização, sob curadoria de Waldo Rasmussen, reúne 38 artistas, com um total de 22 brasileiros. Evidentemente, nenhum dos países deste fim de mundo que é a América Latina receberá a exposição. E todos conhecem as desculpas: falta de verba, falta de lugar, falta de organização, miséria disso, miséria daquilo, miséria.

Na abertura do catálogo pomposa e diplomática como em qualquer outra publicação similar, W. Rasmussen começa se orgulhando de seus "30 anos de conhecimento da arte latino-americana". Sempre alimentou a "ilusão de organizar" esta exposição. Acho que esta auto-confissão explica porque não fez mais que outra ilusão para consumo no primeiro mundo -- um blefe, a bem da verdade. Pretendia "oferecer um panorama da complexa trama que conforma a arte latino-americana". Levantar e explicitar seus aspectos marcantes: internacionalidade, cronologia e integração com a evolução dos movimentos dos

grandes centros, sempre com a ambição do "mais amplo e completo possível". O critério de seleção -- se o artista é latino-americano ou não -- é, no mínimo, cômico, se não fosse trágico: a "identificação expressa com a América Latina". Exclui todos os que, por opção ou à força, decidiram viver e produzir em outros continentes.

Percorrer esta exposição, através de seu catálogo, é fácil. Sua superficialidade começa aí. Em menos de uma hora, pode-se correr os textos e as 169 fotos do catálogo, com suas duas ou três surpresas interessantes -- poucos brasileiros conhecem Xul Solar e Lidy Prati.

O prefácio de Edward J. Sullivan, "Uma perspectiva do fim do século XX", é o único texto do catálogo que propõe uma análise histórico-crítica da arte latino-americana deste século. Em 110 páginas -- ou melhor, 55 páginas porque o texto é bilíngüe, inglês e espanhol. A começar pelo tamanho, seria ótimo como apostila de um curso de artes para dondocas. Além das redundantes biografias dos artistas, da lista de quase 500 obras e uma bibliografia, não há nenhum texto analítico. Qualquer outra discussão, crítica ou histórica, desaparece diante do poder da unicidade do texto de Sullivan. É o único (ir)responsável para explicar o que aconteceu na arte latino-americana do século XX. É ele, portanto, que exige um exame crítico. E vamos com cuidado. Em seu início, vem com a esfarrapada desculpa de "limitação de tempo". Deve ter sido algo entre seis e três meses (sic).

Como conheço quase nada do que acontece na arte dos países hispano-americanos, me concentro naquilo que Sullivan escreve sobre nossa produção.

Sem discutir os períodos de sua cronologia, pela leitura de Sullivan vamos ver o que aconteceu na história da arte brasileira, de 1900 até nossos dias. Entre 1900 e 1930, os destaques são Tarsila e Segall, Di Cavalcanti e Portinari, dois artistas "socialmente comprometidos". Anita Malfatti vale pouco. Brecheret e Ismael Nery nem são citados. Nas décadas de 30/40, no período do "Construtivismo", domina o argentino Torres Garcia e seu grupo. Não há nenhuma referência a artistas brasileiros. Ninguém do Grupa Santa Helena, nem Bruno Giorgi, nem de Fiori, nem Pancetti. De 1950 a 1970, o tempo do "O legado do construtivismo", do "surreal" e da "nova figuração", depois da caridosa explicação de que Volpi não participou do modernismo porque era pobre, não há mais nenhum artista além de Lygia Clark, Helio Oiticica, Mira Schendel e Sergio Camargo. Aqui, o grande choque. Sullivan não menciona mais nenhum brasileiro. Mesmo, fora do texto e na exposição, não há nada sobre os artistas concretos ou neo concretos: Cordeiro, Fiaminghi, Ivan Serpa, Sacilotto, Willys de Castro. O construtivismo brasileiro, um dos momentos internacionais de nossa produção, foi jogado na lata de lixo da memória. Em outra vertente, também desapareceram Antonio Bandeira, ~~Cícero Dias~~, Dacosta, Flexor, Waldemar da Costa. A efervescência dos anos 60/70, talvez o período mais agitado e complexo da arte brasileira, não existiu. Não merece nenhuma referência, nem como conjunto, nem como práticas individuais. Outras vezes, não acontecem nomes como Aguilár, Antonio Dias, A. H. Amaral, Evandro Carlos Jardim, Nelson Leirner, Resende, Wesley Duke Lee, além de outros que a ausência de recuo histórico ainda <sup>nto</sup> permitiu selecionar. Quando chega, então, em 80/90, o texto volta a ser cômico. Jac Leirner e Cildo Meirelles aparecem porque usam "lupa para denunciar a exploração econômica".

Amilcar de Castro

a do abstracionismo

Amgenos de

Eles são artistas, insectólogos ou detetives à cata das pistas de nossa miséria? De novo, o resto da turma é sumariamente esquecido.

Em resumo, o texto de Sullivan transforma a arte brasileira do século XX em uma comédia de ínfimos personagens, sem nenhuma importância -- nem ao nível da própria América Latina. Um ato de show biz para o carnaval das comemorações da descoberta da América. Será que Sullivan está errado ou está certo? A arte brasileira não existe ou quase não existe -- esta é a impressão que nos passa. Pelo exame estatístico da seção "livros gerais" da bibliografia, talvez tenha razão. Em um total de 253 títulos, apenas 24 obras são dedicadas à arte brasileira - menos de 10% do total! Não há nenhum livro sobre Cicero Dias, Krajcberg, Resende, M. Schendel, entre outros. Apenas textos esparsos, publicados em catálogos ou veículos de comunicação de massa. É uma perfeita radiografia da miséria de nossa produção cultural. Esta ausência quase total de prática crítica ou historiográfica é uma das grandes responsáveis pela ~~própria miséria~~ da difusão da arte brasileira, nacional e internacionalmente.

~~é~~ insignificante

Espero, realmente, que a mostra "Artistas latino-americanos do século XX" não venha ao Brasil. Se isto acontecer, provavelmente, mereceria ser vandalizada. Mais uma vez, este país do quarto ou quinto mundo irradiaria uma notícia tão edificante quanto a corrupção de Collor, o massacre do Carandirú ou as queimadas da Floresta Amazônica.

**M. A. Amaral Rezende**, 41, é designer e escritor. Autor de "Todos os corpos, Corpus", (poesia, Ed. Perspectiva), "Corpo de Mulher" (romance, MG Editores) e "A Gênese da Pintura", em co-autoria com Isabella Cabral (ensaio, MASP/EDUSP).

---

Instituto de arte contemporânea